

Geografias, teatros e sociedades em linha

Ana Campos

1. Sobre teatro do velho continente

O festival *New Plays From Europe*, que contou na sua última edição com a presença de *Três dedos abaixo do joelho*, de Tiago Rodrigues, foi conhecido entre 1992 e 2002 como *Bonner Biennale*. Propôs-se, desde então, levar à cena espectáculos de criadores europeus emergentes, muitos dos quais são hoje reputados artistas dos diferentes países – mais de vinte – que vieram a integrá-lo. Enda Walsh, Yasmina Reza, Biljana Sribljanovic, Wassiliy Sigarew, Dejan Dukovski e Jon Fosse, entre outros, passaram por estes palcos. Manfred Beilharz, Tankred Dorst e Ursula Ehler estiveram, desde a origem, à frente do festival, que rapidamente se estendeu de Bona para Frankfurt e Wiesbaden, com grande adesão de público, levando o Ministro da Ciência e da Arte, Udo Corts, a alargá-lo a toda a região de Rhein-Main.

Paralelamente aos espectáculos que são levados à cena na língua original, decorrem iniciativas diversas, como palestras, leituras, discussões e fóruns, procurando, deste modo, abrigar um espaço de reflexão não apenas sobre os caminhos artísticos actuais, como também sobre os rumos que trilha a Europa mais em geral, assumindo-se o teatro como um dos meios possíveis para estar na sociedade

Bastante menos vivo que o festival é o sítio – <http://www.newplays.de/> – em que é divulgado.

Apresentando-se em inglês e alemão, depressa o utilizador compreende as inúmeras limitações da versão inglesa em comparação com a original. Constituindo-se fundamentalmente como uma plataforma de publicidade ao evento, não deixa de haver, em diferentes separadores, uma breve apresentação dos conteúdos do festival e do seu historial, uma listagem dos espectáculos levados à cena em cada edição, respectivas fichas técnicas, sinopses e fotografias, ficando no entanto muito aquém das possibilidades que a internet oferece. É ainda disponibilizado o programa de cada edição do festival (com a possibilidade de ser descarregado para o computador do utilizador), contactos, patrocínios e um arquivo de edições anteriores.

Cada país é ainda representado através do seu próprio patrono, havendo um separador específico para o efeito. No caso português, essa responsabilidade ficou muito bem entregue à estudiosa, tradutora e dramaturgista Vera San Payo de Lemos.

Ao cimo da página do sítio, cujo design aparenta ser algo confuso, podemos encontrar um inquérito ao público sobre a sua experiência no festival. Há também a ligação para um blogue, quase exclusivamente em alemão, salvo alguns artigos muito pontuais, onde se apresentam críticas e vídeos a espectáculos, textos de opinião e reflexão sobre a dramaturgia dos vários países envolvidos. Saliento, a

Ana Campos
é investigadora
integrada do Centro de
Estudos de Teatro da
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa,
colaboradora do CEIS20
– Centro de Estudos
Interdisciplinares do
Século XX da
Universidade de
Coimbra –, membro da
APCT e Doutoranda de
Estudos Artísticos,
variante de Estudos de
Teatro, na Faculdade de
Letras de Lisboa.
É bolsista da FCT.

<
Am I,

enc. e coreografia Shaun
Parker, Shaun Parker
Company, Sydney 2014,
fot. Michele Aboud.



[Cabaret *Soirée* 2014]
*Exactly Like You: The
Magic of Dorothy Fields*,
enc. Michael Loney, Perth
Theatre Trust & His
Majesty's Theatre,
Perth, 2014,
fot. Penny Lane.

>



título de exemplo, "Voices in the Throat" de Vera San Payo de Lemos, onde a autora salienta as alterações vividas pelo teatro português desde o Estado Novo aos nossos dias, cada vez mais dominados por uma linguagem economicista.

Nos últimos anos, o debate ficou centrado quase exclusivamente nos números e muito a custo alguém conseguia participar. A palavra-chave tem sido "crise", que arrasta palavras como *troika*, agências de *rating* e *haircut*. As palavras insolência e austeridade eram facilmente compreensíveis, e isso não só por causa das suas raízes latinas. [Tradução minha]

As análises e depoimentos sobre a vida teatral dos países participantes e sobre o modo como os artistas europeus vêem o momento presente, constituem a matéria mais interessante a que estas duas plataformas dão acesso, sendo de lamentar a falta de um maior investimento nos recursos virtuais, que passaria por soluções tão elementares como hospedar blogue e sítio do festival na mesma página.

Essa opção permitiria ao público, que não pode assistir presencialmente ao festival, ou que deseja informação mais aprofundada sobre o que aí se passa, partilhar o verdadeiro espírito do evento, ouvindo e discutindo as posições dos criadores, muito menos apáticas do que desejariam certos políticos.

2. Sobre o teatro dos antípodas

Foram as características únicas que presidiram à formação da Austrália que estabeleceram as bases da enorme diversificação da sua vida cultural. Povoada desde há cerca de 40.000 a 70.000 anos, a Oceânia viu o rumo da sua cultura alterar-se com a chegada dos primeiros colonizadores ocidentais e o seu estabelecimento no arquipélago, gerando-se um fenómeno riquíssimo de fusão da cultura aborígine com a dos europeus num

contexto geográfico muito peculiar.

A Austrália apresenta, de facto, uma enorme variedade de fauna e flora, desconhecida dos europeus até ao século XVII, e ainda características climáticas que marcam de forma decisiva a vida cultural dos seus habitantes, sendo, por exemplo, a praia o cenário escolhido para muitas celebrações. Durante o século XX, o enorme fluxo migratório para este país de pessoas oriundas de todas as partes do planeta, aliado a uma influência muito forte das culturas britânica e norte-americana, gerou uma actividade artística vastíssima, muito dinâmica e heterogénea em todo o país.

A vida teatral australiana, como hoje a conhecemos, remonta ao teatro britânico colonial dos pioneiros, constituído principalmente por musicais ao estilo inglês, bem como comédias e pantomimas sobre temas locais. A primeira notícia de representações é de 1789 e refere-se à celebração do aniversário do Rei Jorge III. No ano seguinte, é fundado por Robert Sidway um teatro em Sydney, que estará activo pelo menos até ao final desse século. Mas será só na década de 30 do século XIX que surgem os primeiros grandes teatros: Theatre Royal em Sidney (1789); Royal Victoria Theatre nessa mesma cidade e Theatre Royal em Adelaide (ambos em 1838); The Pavilion em Melbourne (1841).

Criavam-se, assim, as bases para aqueles que ficaram conhecidos na História da Cultura do país como os "anos de ouro" do teatro, acompanhando, aliás, os tempos frenéticos da "caça" a esse mineral precioso, o que trouxe a esta região todo o tipo de garimpeiros e a necessidade de diversões, satisfeitas na altura por companhias de *minstrel* norte-americano, bem como por mágicos vindos da América e da Inglaterra.

Na penúltima década desse século, são erigidos os grandes teatros australianos: The Princess e The Alexandre em Melbourne, Her Majesty e The Criterion em Sydney e o Theatre Royal e Her Majesty em Brisbane, o que, naturalmente atrai grandes estrelas ocidentais – como foi



<

Minstrelsy,

por Hans Nathan.

o caso de Sarah Bernhardt em 1891 – que fazem *tournée* pela Austrália desenvolvendo, nesse novo público, o gosto por novos estilos, incluindo o *vaudeville*.

Será, contudo, depois da formação da Federação Australiana – em 1901 – e da crescente afirmação do nacionalismo, que o teatro se vai debruçar sobre temas locais com um interesse genuíno na busca de um sentido identitário, único, portanto.

Após a devastação da I Grande Guerra voltou-se ao *vaudeville* e a géneros importados, mas a terrível crise provocada em 1929 – pela queda da bolsa e a entrada numa difícil recessão económica – obrigou a uma viragem. Muitas pequenas companhias de amadores e semi-profissionais surgiram ao longo da década de 30, assistindo-se, então, ao movimento do *New Theatre*, inspirado pelos seus congéneres britânico e americano, de forte cunho marxista, tentando intervir de forma radical e profunda nas questões sociais das décadas seguintes, demonstrando, aliás, uma grande vitalidade e capacidade de atracção de público.

Também a II Guerra Mundial alterou a vida teatral australiana, quer pelo regresso de muitos artistas que tinham feito carreira no estrangeiro, quer pelo exílio de muitos outros que vinham em busca de refúgio, proporcionando o aparecimento de novos rostos em palco e novos autores a escreverem para a cena. É na década de 50 que surgem os principais festivais de teatro australiano que, aliás, se mantêm até hoje, como o Festival

of Perth e The Australian Elisabethan Theatre Trust, ambos activos desde 1953. Nessa década o teatro conhece um verdadeiro impulso com a criação em Sydney do National Institute of Dramatic Art, que subsidiará muitas companhias e apoiará vários eventos artísticos. Na década de 60 assistiu-se a uma verdadeira explosão de festivais por toda a ilha e ao surgimento de companhias de teatro independente, como o Australian Performing Group que, fugindo ao *mainstream*, leva à cena importantes criações de autores locais. Posteriormente, afirma-se a criação, entre outras, de companhias de inspiração feminista ou asiática, bem como de festivais e teatros – de formatos e gostos diversos – por todo o continente.

Australian stage, como é afirmado no próprio sítio *online*, é um projecto que vem sendo desenvolvido desde 2007 para apoiar o teatro australiano independente, muitas vezes menosprezado pelos grandes meios de comunicação social. Apoiar aqui significa, de facto, investir financeiramente, já que uma das valências da plataforma é a possibilidade de o utilizador doar dinheiro para viabilizar projectos relativos a artes performativas independentes e que sejam do seu agrado.

Há várias formas de navegar no sítio. O utilizador menos curioso pode limitar-se a ler notícias, críticas e o cartaz cultural da região ou regiões que lhe interessam (Adelaide, Brisbane, Canberra, Melbourne, Perth, Sydney e Tasmânia), apresentados em ligações com acesso a diferentes separadores, colocados logo abaixo do logotipo

inicial. Existe, também, uma opção avançada que permite ao usuário registar-se (directamente através do *Facebook* ou de forma independente) e fazer parte da comunidade virtual. Ao registar-se e criar o seu perfil público, o utilizador pode adicionar amigos que também estejam registados, criar um perfil profissional, fazer publicidade à sua produção, formar grupos, partilhar fotos e vídeos de espectáculos. Não menos interessante que esta valência é a rede de anúncios de oferta e procura de emprego em todas as cidades australianas e nas diferentes vertentes do trabalho de produção artística e científica, desde audições para actores, a ofertas de contratação de encenadores, técnicos, relações públicas, assessores de imprensa, entre várias outras possibilidades.

Consequência directa de uma vida cultural activa, a participada manutenção de um sítio – com características tão solidárias e de entajuda profissional – é por certo louvável, pecando apenas, talvez, pelo facto de apresentar uma carga publicitária muito pesada. Totalmente escrito em inglês, este sítio exhibe grande riqueza visual através de imagens, vídeos e *slideshows* que permitem, a par com as inúmeras críticas a espectáculos em cena e mesmo à enorme distância a que estamos, ter um conhecimento mais profundo da realidade do teatro independente australiano.

Podemos ainda subscrever por *email* a *newsletter* de periodicidade semanal com informação sobre os textos mais recentes levados à cena.

Dentro da área reservada aos membros, há ainda a possibilidade de criação de um blogue. Entre os grupos formados pelos utilizadores, encontram-se modalidades variadas e de grande interesse, como, por exemplo, o grupo de espectadores de determinada cidade, que se empenham – de forma generosa e eficiente – num admirável jogo vivo de cidadania.

Sitiografia

<http://www.hat-archive.com/shorthistory.htm>

<http://australia.gov.au/about-australia/australian-story/highlights-in-austn-theatre-history>

<http://www.australianstage.com.au/>

<http://www.ausstage.edu.au/pages/browse/>

<http://www.newplays.de/>